

Artigos Livres

Etnopedagogia e educação ambiental dialógica na Caatinga: a partir da experiência do movimento caricultura no Ceará

Ethnopedagogy and dialogical environmental education in the Caatinga: based on the experience of the caricultura movement in Ceará

Ethnopédagogie et éducation environnementale dialogique dans la Caatinga : à partir de l'expérience du mouvement caricultura au Ceará

Franderlan Campos Pereira^I, João Batista de Albuquerque Figueiredo^{II}

^I Universidade Federal do Ceará , Pentecoste, CE, Brasil

^{II} Universidade Federal do Ceará , Fortaleza, CE, Brasil

RESUMO

O presente artigo analisa as dinâmicas ambientais, com destaque para as relações históricas e sociopolíticas do semiárido nordestino sob a percepção da decolonialidade, da Perspectiva Eco-Relacional e da teia de saberes. O objetivo central é compreender como a Cultura do Sertão e, especificamente, a categoria dos Povos do Sertão atuam como agentes epistemológicos e de resistência frente aos estigmas históricos de escassez na Caatinga. Metodologicamente, a pesquisa ampara-se em uma abordagem etnobiográfica com contributos bibliográficos, articulando conceitos de territorialidade, educação libertadora e saberes tradicionais à análise de iniciativas comunitárias concretas. Os resultados revelam que as práticas de manejo ancestral, a religiosidade popular e a oralidade constituem pilares de afirmação identitária que desafiam a racionalidade moderna hegemônica. Destaca-se a experiência do movimento Caricultura, no Assentamento Barra do Leme, no Ceará, como uma potente manifestação de etnopedagogia que integra arte, agroecologia e memória coletiva. Conclui-se que o reconhecimento desses autores sociais e de seus territórios do saber é indispensável para a construção de alternativas sustentáveis de convivência com o semiárido, consolidando a Caatinga como um espaço pulsante de vida, autonomia e dignidade camponesa.

Palavras-chave: Cultura do Sertão; Etnopedagogia; Movimento caricultura

ABSTRACT

This article analyzes environmental dynamics, highlighting the historical and sociopolitical relations of the Northeastern semi-arid region through the lens of decoloniality, the Eco-Relational Perspective, and the

web of knowledge. The central objective is to understand how the Sertão Culture and, specifically, the category of the Peoples of the Sertão act as epistemological and resistance agents against the historical stigmas of scarcity in the Caatinga. Methodologically, the research is supported by an ethnobiographical approach with bibliographic contributions, articulating concepts of territoriality, liberating education, and traditional knowledge to the analysis of concrete community initiatives. The results reveal that ancestral management practices, popular religiosity, and orality constitute pillars of identity affirmation that challenge hegemonic modern rationality. The experience of the Caricultura movement in the Barra do Leme Settlement, in Ceará, stands out as a potent manifestation of ethnopedagogy that integrates art, agroecology, and collective memory. It is concluded that the recognition of these social actors and their territories of knowledge is essential for the construction of sustainable alternatives for coexistence with the semiarid region, consolidating the Caatinga as a pulsating space of life, autonomy, and peasant dignity.

Keywords: Sertão culture; Ethnopedagogy; Caricultura movement

RESUMEN

Este artículo analiza las dinámicas ambientales, destacando las relaciones históricas y sociopolíticas de la región semiárida del Nordeste bajo la perspectiva de la decolonialidad, de la Perspectiva Eco-Relacional y de la red de saberes. El objetivo central es comprender cómo la Cultura del Sertão y, específicamente, la categoría de los Pueblos del Sertão actúan como agentes epistemológicos y de resistencia frente a los estigmas históricos de escasez en la Caatinga. Metodológicamente, la investigación se apoya en un enfoque etnobiográfico con contribuciones bibliográficas, articulando conceptos de territorialidad, educación liberadora y saberes tradicionales al análisis de iniciativas comunitarias concretas. Los resultados revelan que las prácticas de manejo ancestrales, la religiosidad popular y la oralidad constituyen pilares de afirmación identitaria que desafían la racionalidad moderna hegemónica. Destaca la experiencia del movimiento Caricultura, en el Asentamiento Barra do Leme, en Ceará, como una potente manifestación de etnopedagogía que integra arte, agroecología y memoria colectiva. En conclusión, el reconocimiento de estos actores sociales y de sus territorios de saber es indispensable para la construcción de alternativas sostenibles de convivencia con el semiárido, consolidando la Caatinga como un espacio vibrante de vida, autonomía y dignidad campesina.

Palabras clave: Cultura del Sertão; Etnopedagogía; Movimiento caricultura

1 SEMEADURAS

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer e a retocar o sonho por causa do qual se pôs a caminhar (Paulo Freire, 2011).

O semiárido brasileiro transcende a simples delimitação geográfica de um espaço árido, revelando-se historicamente como um território de vida, diversidade e profundas resiliências. Afastando-se dos discursos hegemônicos coloniais que associam a região

puramente à escassez, à vulnerabilidade e ao atraso, os sertões nordestinos despontam como um celeiro de potências criativas, resiliência cultural e saberes tradicionais gerados na convivência íntima e harmônica com o bioma da Caatinga. É nesse cenário, marcado pela busca por modelos educativos que valorizem as identidades locais e promovam a sustentabilidade, que se insere o Caricultura, uma experiência etnopedagógica libertária, de Educação Popular e Ambiental realizadas há mais de duas décadas no Assentamento Barra do Leme, localizado no município de Pentecoste, Ceará.

Esta experiência singular diferencia-se por sua gênese orgânica e comunitária, o movimento foi nomeado e impulsionado originalmente a partir das próprias crianças da comunidade, consolidando-se ao longo do tempo como um movimento cultural cuja prática pedagógica se baseia na horizontalidade e na autonomia. O Caricultura articula de forma simbiótica os princípios da educação popular, da educação ambiental e das práticas libertadoras, constituindo-se como uma resposta criativa e emancipadora aos desafios históricos, sociais e políticos da região.

Ao integrar ferramentas artísticas e expressivas ao fortalecimento dos vínculos comunitários, o movimento desafia estruturas convencionais de ensino e reafirma o campo não como um lugar de privação, mas como um centro produtor de saberes e tecnologias sociais voltadas à dignidade humana. Diante da relevância dessa práxis gerada nas margens do debate educacional tradicional, o presente estudo delimita seu escopo analítico a partir da vivência comunitária no assentamento. O objetivo central deste trabalho foi compreender como a experiência etnopedagógica do Caricultura promove uma ética eco-relacional e a formação crítica da juventude local. Busca-se analisar de que modo essa prática atua enquanto pedagogia decolonial e contra-hegemônica, capaz de reconfigurar os laços entre autores e autoras sociais, o território e a natureza, gerando alternativas enraizadas de resistência e autonomia perante os desafios contemporâneos do semiárido nordestino.

A fundamentação teórica que ampara o Caricultura estabelece um nexos profundo entre a Educação Popular e a Educação Ambiental, tomando como eixos

centrais a dialogicidade freireana e a perspectiva eco-relacional. Distanciando-se das abordagens instrucionais e bancárias convencionais da escolarização tradicional, a práxis desenvolvida no Assentamento Barra do Leme incorpora os pressupostos da Pedagogia do Oprimido e da Pedagogia da Esperança, em que o diálogo genuíno e a ação-reflexão transformadora constituem o cerne do fazer pedagógico (Freire, 1992, 2011).

Essa horizontalidade comunicativa é compreendida, potencializada e expandida pela Educação Ambiental Dialógica proposta por Figueiredo (2008), a qual introduz uma sensibilidade eco-relacional assentada na mútua interdependência entre os seres humanos e a natureza não humana. Em vez de segmentar o meio ambiente como mero objeto de exploração técnica ou consumo, essa matriz defende uma ecopráxis baseada em uma ética de cuidado, reciprocidade e respeito à totalidade da vida, legitimando os saberes e práticas locais das comunidades sertanejas como eixos centrais na formulação de alternativas críticas e sustentáveis frente à racionalidade globalizada (Figueiredo, 2008).

Para alcançar o escopo pretendido e permitir uma compreensão fluida do percurso investigativo, o presente artigo está estruturado em mais três partes essenciais além desta introdução. A segunda seção propõe uma leitura do sertão enquanto espaço de subversão e de manifestação de uma decolonialidade, estabelecendo uma conexão metafórica com a própria dinâmica ecológica e de resistência da caatinga. Em seguida, a terceira seção investiga a dimensão da cultura e os saberes dos povos do sertão, tecendo o elo fundamental com a categoria da etnopedagogia e com os processos pedagógicos libertários que regem a comunidade. Por fim, o trabalho encerra-se com as considerações finais, sintetizando as reflexões tecidas ao longo do estudo e reafirmando a relevância dessa práxis para o semiárido cearense.

2 O SERTÃO CONTRACOLONIAL

Nós não somos da terra da dominação, somos da terra do envolvimento. A terra dá, a terra quer. E a nossa contra-colonização é a afirmação viva de que a nossa ancestralidade nunca foi escassa (Nêgo Bispo, 2023).

A discussão acerca do sertão sob a categoria da contracolonialidade demanda, fundamentalmente, uma ruptura com as narrativas de subalternidade e escassez historicamente impostas à região nordestina. Compreender esse território pressupõe enxergar a Caatinga e suas dinâmicas sociais não como palco de passividade, mas como lugares vivos de produção de conhecimento, subversão política e afirmação ontológica. À luz desse horizonte analítico, a presente seção articula os aportes teóricos da decolonialidade e da teia de saberes com a realidade empírica do Assentamento Barra do Leme, demonstrando como a própria paisagem sertaneja se converte em uma potente metáfora de reexistência e autonomia pedagógica.

A reconfiguração do sertão como um centro produtor de conhecimentos e tecnologias sociais exige a articulação estreita entre as teorias da decolonialidade e da contracolonialidade. Por um lado, Catherine Walsh e Aníbal Quijano define a decolonialidade como um projeto ético, epistêmico e político de reexistência que parte dos espaços historicamente subalternizados para fraturar a persistência das matrizes moderno-coloniais que continuam regulando o poder, o ser e o saber (Quijano, 2005; Walsh, 2009). Por outro lado, a noção de contracolonialidade de Antônio Bispo dos Santos (2023), o Nêgo Bispo, oferece um giro ontológico crucial ao deslocar a mera negação do aparato colonial em direção à afirmação ativa de modos de vida, cosmologias, dinâmicas de terreiro e tecnologias tradicionais que resistiram e sobreviveram à tentativa de aniquilação promovida pelo eurocentrismo.

Sob essa ótica compartilhada por Pereira (2025), o território do semiárido desvincula-se da histórica herança colonial que o rotula unicamente pela ótica da escassez ou do atraso e assume o protagonismo na geração de tecnologias sociais, convertendo a memória coletiva e as práticas comunitárias em legítimas ferramentas de emancipação e soberania política. A reiteração do espaço sertanejo como lugar de abundância criativa desestabiliza os discursos desenvolvimentistas exógenos, permitindo que as soluções para os dilemas locais sejam gestadas no âmago das próprias experiências comunitárias.

Essa convergência teórica ganha contornos e aplicabilidade no campo brasileiro através da conceituação da Etnopedagogia Libertária. Formulada por Pereira (2025) como uma categoria analítica situada, nos ajuda no interpretar a experiência do Caricultura. Essa perspectiva organiza-se em explícita oposição às hierarquias institucionais e às práticas autoritárias de ensino, defendendo a autogestão do aprendizado por meio da liberdade responsável, da cooperação mútua e do respeito estrito à cultura popular e à singularidade dos envolvidos e envolvidas. Esta organicidade pedagógica, que dialoga com os princípios éticos da pedagogia anarquista defendida por Suissa (2006) ao descentralizar o poder instrutivo, sintoniza-se intimamente com o postulado freireano de que a libertação humana é uma construção necessariamente coletiva e em comunhão (Freire, 1987; Suissa, 2006). Assim, a etnopedagogia libertária materializa uma autêntica pedagogia do oprimido em ato, na qual a juventude local e as crianças se reconhecem como autores/autoras ativos/ativas e produtores/produtoras de sentidos dentro de seu próprio território, capazes de subverter currículos exógenos em favor de uma formação integral e enraizada (Pereira, 2025).

O aprofundamento na matriz teórica de João Figueiredo (2007, 2008) permite compreender de que maneira o Caricultura opera uma autêntica virada conceitual na interpretação do semiárido por meio da Perspectiva Eco-Relacional. Essa abordagem desafia radicalmente as dicotomias eurocêntricas que apartam a natureza da sociedade e o saber popular do conhecimento científico, concebendo as interações entre os seres humanos e o ambiente como relações simbióticas, interdependentes e intrinsecamente marcadas pelo cuidado, pelo afeto e pela coevolução.

No âmbito da práxis comunitária no Assentamento Barra do Leme, tal pressuposto se traduz em uma prática pedagógica que recusa a redução da Caatinga a um estoque passivo de recursos destinados à exploração técnica ou ao consumo, promovendo, em seu lugar, uma leitura eco-relacionada, corroborando com uma percepção crítica, essencial para enfrentar as contradições socioambientais da região. Assim, as formas de convivência harmônica tecidas pelas comunidades tradicionais

são validadas como expressões legítimas de conhecimento e resistência, articulando-se de forma direta à construção de alternativas sustentáveis enraizadas localmente.

A Educação Ambiental Dialógica (Figueiredo, 2007, 2021) costura uma aliança orgânica entre a Educação Popular e a Educação Decolonial, servindo como suporte analítico primordial para as ações do movimento no sertão cearense. Assente em uma teia de saberes ancorada na escuta sensível e na ética das relações entre pessoas, culturas e naturezas, essa vertente teórica defende que a educação ambiental no semiárido deve ser elaborada a partir da leitura relacional, portanto ecológica e simbólica dos próprios territórios. Ao integrar cultura, território e prática educativa, o Caricultura materializa o postulado de Figueiredo (2021) de que o ato pedagógico deve partir da vivência concreta e da inserção histórica de autores/autoras envolvidos/ envolvidas, favorecendo o aprimoramento de vínculos éticos com o lugar e com os ciclos naturais. Essa racionalidade ecológica insurgente atua contra a domesticação de corpos e consciências, convertendo o assentamento em um espaço dinâmico onde crianças e jovens se reconhecem como autores/autoras protagonistas de uma reexistência política, poética e emancipatória.

A estrutura diversificada da vegetação também evidencia a riqueza desse bioma. Nessa perspectiva, os estratos vegetais da Caatinga organizam-se principalmente em três níveis: o arbóreo, com alturas variando entre 8 e 12 metros; o arbustivo, composto por plantas entre 2 e 5 metros; e o herbáceo, constituído por espécies de pequeno porte. Mesmo diante do aspecto mais rarefeito durante os períodos de estiagem, a Caatinga abriga elevada diversidade florística, com aproximadamente 4.900 espécies catalogadas, incluindo diversas espécies endêmicas e muitas ameaçadas de extinção. Essa riqueza biológica não se restringe à flora, alcançando também a fauna, com um conjunto significativo de aves, répteis e anfíbios adaptados exclusivamente às condições extremas características desse bioma (Leal; Tabarelli; Silva, 2003).

Mais do que representar resistência biológica, a resiliência da Caatinga expressa-se em diferentes dimensões. A capacidade desse bioma de regenerar-se

e rebrotar após extensos períodos de seca decorre diretamente das adaptações evolutivas das espécies à aridez e à irregularidade das chuvas (Leal; Tabarelli; Silva, 2003). Entretanto, essa resiliência ultrapassa os limites do ecossistema natural. Conforme assinala Pereira (2019), ela alcança igualmente a esfera cultural, manifestando-se como uma resiliência simbólica e social, profundamente vinculada aos modos de vida das populações camponesas que vivem no semiárido nordestino. A espiritualidade dessas comunidades, fortemente relacionada à terra e aos ciclos naturais, fortalece o sentimento de pertencimento e o cuidado com o meio ambiente, consolidando uma relação pautada pelo respeito e pela reciprocidade com o ambiente da Caatinga.

A partir dessa conexão entre natureza e cultura, a análise geográfica, climática e ecológica do semiárido e do bioma Caatinga revela um território caracterizado por desafios ambientais relevantes, como a escassez de água e a variabilidade climática. Contudo, também evidencia um expressivo potencial adaptativo, manifestado na diversidade sociocultural e nos conhecimentos tradicionais construídos ao longo do tempo (Leal; Tabarelli; Silva, 2003; Pereira, 2019). Compreender essas especificidades é essencial para a elaboração de políticas públicas e estratégias educacionais que respeitem as particularidades regionais e valorizem os saberes locais, evitando abordagens generalizantes que possam ignorar as dinâmicas socioculturais existentes.

Nesse contexto, a educação ambiental orientada pelos princípios da educação popular assume função estratégica, pois contribui para a construção de alternativas sustentáveis e contextualizadas. Práticas educativas que estabelecem diálogo com as realidades locais, como a experiência do Caricultura, ilustram essa articulação ao promover o fortalecimento da identidade cultural e a conscientização ecológica entre as comunidades do semiárido (Figueiredo, 2007; Nascimento, 2001; Pereira, 2019; Pinheiro, 2004). O Caricultura, ao empregar linguagens artísticas e um diálogo horizontal, não apenas valoriza os saberes tradicionais e as práticas espirituais associadas à Caatinga, mas também favorece sua ressignificação pedagógica,

reforçando a percepção do bioma não como um espaço problemático, e sim como um território de vida, resistência e riqueza cultural.

Portanto, reconhecer a Caatinga e o semiárido em toda a sua complexidade e potencialidade constitui um passo fundamental para superar estigmas históricos e promover iniciativas que articulem conservação ambiental, justiça social e valorização cultural, pilares indispensáveis para a construção de uma sustentabilidade regional efetiva e enraizada nos territórios.

3 A CULTURA DOS POVOS DO SERTÃO

Existem saberes que brotam diretamente da terra, do roçado, do corpo e da memória da comunidade. Saberes onde a cultura é praticada não como um acúmulo de dados, mas como uma forma de educação contínua e de resistência simbólica (Carlos Rodrigues Brandão, 1986).

A dinâmica ambiental e histórica do semiárido nordestino, marcada pela irregularidade pluviométrica e pela escassez hídrica estrutural, exige estratégias integradas que considerem tanto o conhecimento científico quanto os saberes tradicionais locais. Essa articulação profunda entre natureza e cultura evidencia um território de grande potencial adaptativo, expresso na diversidade sociocultural desenvolvida ao longo do tempo frente aos estigmas de um ambiente subalternizado.

A partir desse contexto de lutas territoriais e adaptações ecológicas abordadas anteriormente, emerge a necessidade de compreender os resultados sociopolíticos consolidados através da Cultura do Sertão e, de modo específico, da categoria dos Povos do Sertão, que continuamente ressignificam o ambiente da Caatinga. Um parêntese para afirmar que estamos aqui tratando no singular, o que reconhecemos plural. É um artifício para compreendermos como exemplo esta situação específica. Assim, continuamos: A Cultura do Sertão constitui-se como um conjunto complexo e dinâmico de práticas sociais, saberes tradicionais e formas de resistência forjadas a partir da interação histórica entre os grupos humanos e o ambiente singular da

Caatinga. Longe de ser apenas um resultado passivo das condições naturais adversas, essa cultura é fruto da ação criadora de seres históricos que aprimoraram modos próprios de viver e conviver com a terra árida.

Para compreender seu sentido profundo, a antropologia de Geertz (1989) oferece amparo ao definir a cultura como um sistema de concepções herdadas e expressas em formas simbólicas, pelas quais os seres humanos organizam as relações sociais e desenvolvem suas atitudes perante a vida. É neste cenário de teias de significados que se propõe a categoria analítica dos “Povos do Sertão”, utilizada para designar os coletivos que habitam, cultivam, narram e simbolizam a caatinga. Ao longo de gerações, esses povos desenvolveram formas específicas de saber, espiritualidade, trabalho e resistência, articuladas intimamente em torno da convivência com o semiárido. Consequentemente, os Povos do Sertão não são apenas habitantes passivos de uma região geográfica, mas construtores ativos de um mundo cultural próprio, dotado de valores e sentidos que desafiam continuamente as lógicas hegemônicas da racionalidade moderna.

O reconhecimento formal dos Povos do Sertão exige compreendê-los como sujeitos epistêmicos, portadores de conhecimentos que foram historicamente invisibilizados pelas estruturas coloniais de saber. Essa visão alinha-se à perspectiva decolonial de Arturo Escobar (2014), que, ao propor o paradigma do sentipensar, defende o reconhecimento de ontologias relacionais e a coexistência de múltiplas formas válidas de conhecer e habitar o mundo. Assim, os saberes produzidos por esses povos, que envolvem técnicas agrícolas adaptadas, medicina popular e práticas de cuidado, configuram-se como conhecimentos legítimos, situados e operantes em uma lógica profunda de reciprocidade e interdependência com a natureza.

A experiência acumulada e o conhecimento dos Povos do Sertão materializam-se naquilo que Carlos Rodrigues Brandão (2006) define conceitualmente como “territórios do saber”. Nesses espaços formativos, os conhecimentos são construídos e transmitidos através da experiência vivida, das relações de afeto com a terra e da prática social

cotidiana. Segundo este autor, existem saberes que brotam diretamente da terra, do roçado, do corpo e da memória da comunidade, evidenciando que a cultura sertaneja é praticada como uma forma de educação contínua e de resistência simbólica.

A figura da pessoa sertaneja, como tipo cultural brasileiro, emerge ativamente dessa convivência íntima e muitas vezes árdua entre as pessoas e o bioma do sertão. Como aponta Darcy Ribeiro (1995), o povo sertanejo foi moldado no calor do clima seco, na lida diária com a terra pobre e sob as rígidas relações sociais impostas por uma estrutura agrária concentrada. Esse ser histórico, reconhecido desde a obra de Euclides da Cunha (1902) por sua inegável aptidão para resistir à seca e à pobreza, construiu uma identidade onde a resiliência não significa passividade, mas a base ativa de sua resistência cultural.

Uma das manifestações mais profundas e estruturantes da Cultura do Sertão é a sua religiosidade popular, expressa concretamente em romarias, festas de padroeiros, promessas e rituais ligados ao ciclo de chuvas e colheitas. Conforme enfatiza Câmara Cascudo (2001), essa religiosidade sertaneja organiza o tempo social e espiritual das comunidades locais, fundindo saberes tradicionais e fé viva. Aliada à dimensão espiritual, a oralidade assume papel de destaque através de cordelistas, emboladores e rezadeiras, que atuam como verdadeiros guardiões da memória coletiva e instrumentos de enfrentamento à invisibilização.

Além das vastas expressões simbólicas e espirituais, os Povos do Sertão consolidam sua cultura por meio de práticas produtivas tradicionais e comunitárias, como a agricultura de sequeiro, a captação de águas de chuva e o manejo de sementes crioulas. Essas práticas não se limitam a uma utilidade econômica imediata, mas integram o amplo paradigma da “convivência solidária com o semiárido”, que se opõe ativamente às visões desenvolvimentistas predatórias que marginalizam a Caatinga (Albuquerque, 2013). Esse manejo ancestral evidencia uma racionalidade ecológica que alia eficiência produtiva a um profundo respeito às dinâmicas ambientais locais. Os resultados práticos da valorização orgânica dessa

Cultura do Sertão encontram expressão contemporânea em projetos territoriais, como o Caricultura, realizado no Assentamento Barra do Leme.

Essa experiência educativa integra as múltiplas expressões da cultura sertaneja ao articular fé, arte, agroecologia e memória histórica, transformando o bioma da Caatinga em um vasto espaço de ensino e resistência. No Caricultura, os saberes empíricos e ancestrais dos Povos do Sertão não são apenas romantizados ou reconhecidos superficialmente, mas tornam-se os verdadeiros fundamentos da proposta pedagógica comunitária. A adoção efetiva desses conhecimentos no processo formativo reflete uma pedagogia decolonial e libertadora fundamentada nos princípios de Paulo Freire, onde a educação obrigatoriamente parte da realidade concreta e respeita a cultura das pessoas.

O projeto Caricultura, nesse sentido prático, opera uma verdadeira teia de saberes ao promover um diálogo horizontal que recusa a imposição de modelos externos e verticais. Trata-se de um modelo que fortalece a autonomia política, ambiental e cultural das famílias assentadas, reafirmando que não existe educação transformadora fora da cultura vivenciada pelos Povos do Sertão.

Portanto, reconhecer politicamente e pedagogicamente os Povos do Sertão e sua cultura é um ato contínuo de reapropriação simbólica e afirmação de direitos territoriais. A própria ação de nomeação de práticas como o “Caricultura” pelas crianças rompe com as imposições toponímicas coloniais, instaurando uma narrativa emancipatória onde o sertão deixa de ser estigmatizado pela escassez para afirmar-se como lugar de diversidade. Esses povos, assumindo o papel de intelectuais orgânicos em suas bases (Gramsci, 1978), forjam ativamente um novo senso comum capaz de desafiar as estruturas hegemônicas de poder no campo.

Os resultados alicerçados nas dinâmicas da Cultura do Sertão e na agência histórica dos Povos do Sertão demonstram que a Caatinga transcende a mera definição biológica para consolidar-se como um território de vida e resistência política. A afirmação afirmativa desses sujeitos epistemológicos e de seus saberes da terra

revela-se imprescindível para a formulação de alternativas reais e viáveis frente aos desafios climáticos e ao agronegócio. Ao entrelaçar agroecologia, espiritualidade e memória em espaços como o Assentamento Barra do Leme, os Povos do Sertão oferecem horizontes inspiradores para a construção de um futuro equitativo, enraizado na dignidade camponesa e no respeito irrestrito aos ciclos ecológicos regionais.

Figura 1 – Círculo de Cultura do Caricultura



Fonte: Geovana Correia (2013)

4 COLHEITAS

Cada comunidade guarda uma sabedoria construída na luta, na convivência e na invenção cotidiana da vida (Darcy Ribeiro, 1995).

Em síntese, a jornada analítica percorrida ao longo destas sessões evidencia que o semiárido nordestino e o bioma da Caatinga não podem ser reduzidos à mera ótica da escassez hídrica ou da vulnerabilidade ambiental. A resiliência histórica frente a essas adversidades forjou a complexa Cultura do Sertão, uma teia de significados e práticas onde o ecossistema e a ação humana se retroalimentam de forma indissociável.

Longe de serem vítimas passivas do clima, os Povos do Sertão despontam como construtores ativos de seu próprio território, transformando o estigma do ambiente inóspito em uma vigorosa afirmação de identidade, cultura e sobrevivência.

Conclui-se, portanto, a urgência de consolidar uma virada decolonial que reconheça esses/essas autores/autoras históricos/históricas como legítimos/legítimas produtores/produtoras de conhecimento. As práticas de manejo ancestral, a religiosidade popular, a oralidade e a convivência com a biodiversidade local não são saberes residuais, mas sim pilares de uma verdadeira teia de saberes que desafia a racionalidade moderna hegemônica. Aceitar os Povos do Sertão como seres epistêmicos significa validar suas formas de conceber o mundo, garantindo que o diálogo entre a academia e os saberes da terra ocorra em condições de equidade, sem silenciamentos estruturais.

A materialização prático-pedagógica dessa simbiose entre saber tradicional e resistência política encontra seu ápice em iniciativas comunitárias robustas, a exemplo do projeto Caricultura, experienciado no Assentamento Barra do Leme. Essa experiência comprova que a educação enraizada no chão da Caatinga é capaz de integrar agroecologia, espiritualidade, arte e memória coletiva de forma profundamente transformadora. Ao ressignificar a própria narrativa sobre o lugar, o Caricultura demonstra que a verdadeira práxis emancipatória nasce da realidade orgânica das comunidades, fortalecendo a autonomia política e produtiva das famílias assentadas.

Sob a luz de uma educação libertária, os resultados sociopolíticos e poéticos alcançados por essas dinâmicas reafirmam a centralidade da luta conjunta pela terra e pela cultura. O povo sertanejo, ao assumir ativamente o papel de guardião de sua memória e intelectual de sua própria realidade, instaura lógicas de convivência com o semiárido que se contrapõem frontalmente aos modelos predatórios e excludentes de desenvolvimento. A defesa dos territórios do saber, das sementes crioulas e do manejo sustentável das águas são, no fundo, atos irredutíveis de resistência que garantem a soberania alimentar e a dignidade humana no campo.

Por fim, a Cultura do Sertão e os coletivos que a compõem nos oferecem muito mais do que um modelo local de adaptação climática, oferecem um horizonte ético e civilizatório. Ao entrelaçar a sabedoria herdada com a inovação social diária, os Povos do Sertão provam definitivamente que a Caatinga é um território pulsante de vida, diversidade e esperança. Que as lições extraídas dessas lutas e do reconhecimento desses seres possam sulevar um futuro ambientalmente saudável e plural, celebrando o semiárido como o berço de uma sociedade mais justa, enraizada no respeito integral à natureza e à dignidade camponesa.

AGRADECIMENTOS

Expressamos nossa mais profunda gratidão a todas as famílias do território da Barra do Leme, que generosamente compartilharam seus saberes de convivência e abriram seus espaços de vida para que esta pesquisa se concretizasse. A sabedoria ancestral partilhada por cada um de vocês é o verdadeiro alicerce e a alma deste trabalho.

De modo muito especial, dedicamos nosso afeto e reconhecimento a Manoel Inácio e Ivânia Maria, pela profunda sensibilidade na tecitura dessa experiência. O cuidado, a escuta e a dedicação de vocês em manter viva a Cultura do Sertão, nutrindo o movimento Caricultura, transcendem o saber acadêmico, revelando a força de uma educação enraizada no afeto, na terra e na resistência coletiva. Muito obrigado por nos ensinarem a ler o mundo com as lentes da Caatinga.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. de (org.). **Etnobiologia: bases ecológicas e evolutivas**. Recife, PE: NUPEEA, 2013.
- BRANDÃO, C. R. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CASCUDO, L. da C. **Superstições e costumes**. São Paulo: Global, 2012.
- CUNHA, E. da. **Os sertões**: campanha de Canudos. São Paulo: Laemmert, 1902.

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar con la tierra**: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: UNAULA, 2014.

FIGUEIREDO, J. B. A. de. **Educação ambiental dialógica**: as contribuições de Paulo Freire e a cultura sertaneja nordestina. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

FIGUEIREDO, J. B. de A. **A educação ambiental popular e educação intercultural no contexto da formação docente**. In: Anais da 31ª Reunião Anual da Anped. Caxambu-MG, Anped, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 68. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Tradução de Gilberto Velho. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. da (orgs.). **Ecologia e conservação da Caatinga**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2003.

NASCIMENTO, E. S. do. **Memória coletiva e identidade étnica dos Tremembé de Almofala**: os índios da terra da santa de ouro. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

PEREIRA, F. C. **O Cajueiro do Saber**: educação, luta pela terra e espiritualidade no Campo Experimental do Território da Libertação, Almofala – Itarema – CE. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação Associado em Antropologia UFC/UNILAB, Fortaleza/Redenção, 2019.

PEREIRA, F. C. **Caricultura**: uma etnopedagogia libertária no Assentamento Barra do Leme - Pentecoste - Ceará. 2025. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2025.

PINHEIRO, A. F. C. **Assentamentos Barra do Leme e 24 de Abril**: poder e sustentabilidade. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2004.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, E. (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Tradução de Leneide Duarte Plon. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, A. B. dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023.

SUISSA, J. **Anarchism and education**: a philosophical perspective. London: Routledge, 2006.

WALSH, C. **Interculturalidade e colonialidade do poder**: um diálogo a partir da experiência latino-americana. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 30, n. 109, p. 57-88, 2009.

Contribuição de autoria

1 – Franderan Campos Pereira

Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC).
<https://orcid.org/0000-0003-2133-6091> • franderlan.pereira@gmail.com
Contribuição:

2 – João Batista de Albuquerque Figueiredo

Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).
<https://orcid.org/0000-0002-6199-8324> • joaofigueiredo@hotmail.com
Contribuição:

Conflito de Interesse

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais

Dados de pesquisa e outros materiais podem ser obtidos entrando em contato com os autores.

Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Revista Sociais e Humanas (Santa Maria) mantêm os direitos autorais de seus trabalhos e concedem à revista o direito de primeira publicação, sendo o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição (CC BY-NC-ND 4.0), que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.

Verificação de Plágio

A revista mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como Turnitin.

Editor - chefe

José Renato Ferraz da Silveira

Como citar este artigo

PEREIRA, F. C.; FIGUEIREDO, J. B. de A. Etnopedagogia e educação ambiental dialógica na Caatinga: a partir da experiência do movimento caricultura no Ceará. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 39, n. 1, e97281, 2026. DOI 10.5902/2317175897281. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2317175897281>.